

ARQUEOLOGIA

A homenagem, em Pax Iulia, a um sacerdote romano

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO ARQUEÓLOGO

Dada a sua relevância político-social, ao pacense Lúcio Márcio Píero deliberaram os habitantes da cidade, no já longínquo século I da nossa era, erguer-lhe uma estátua, que solenemente foi colocada no fórum. Lisonjeado com a honra, o homenageado fez questão em lhes pagar a despesa!

UMA DESCOBERTA QUE FEZ SENSACÃO! José Umbelino Palma, chefe da secretaria municipal e director do jornal "O Bejense" enviou, em 1891, a José Leite de Vasconcelos a informação de que, entre «os bons exemplares arqueológicos» identificados no decorrer das «escavações do Palácio dos Infantes, em Beja», se encontrara uma inscrição romana, «ainda inédita», que, à parte algumas falhas mínimas, «está tão perfeita, que parece feita agora».

Deu a leitura do texto em latim, as dimensões – «altura, 0m,95; largura 0m,57; espessura 0m,56» – e teceu breves comentários sobre o que faltava no monumento e o que do letreiro se reconstituía bem.

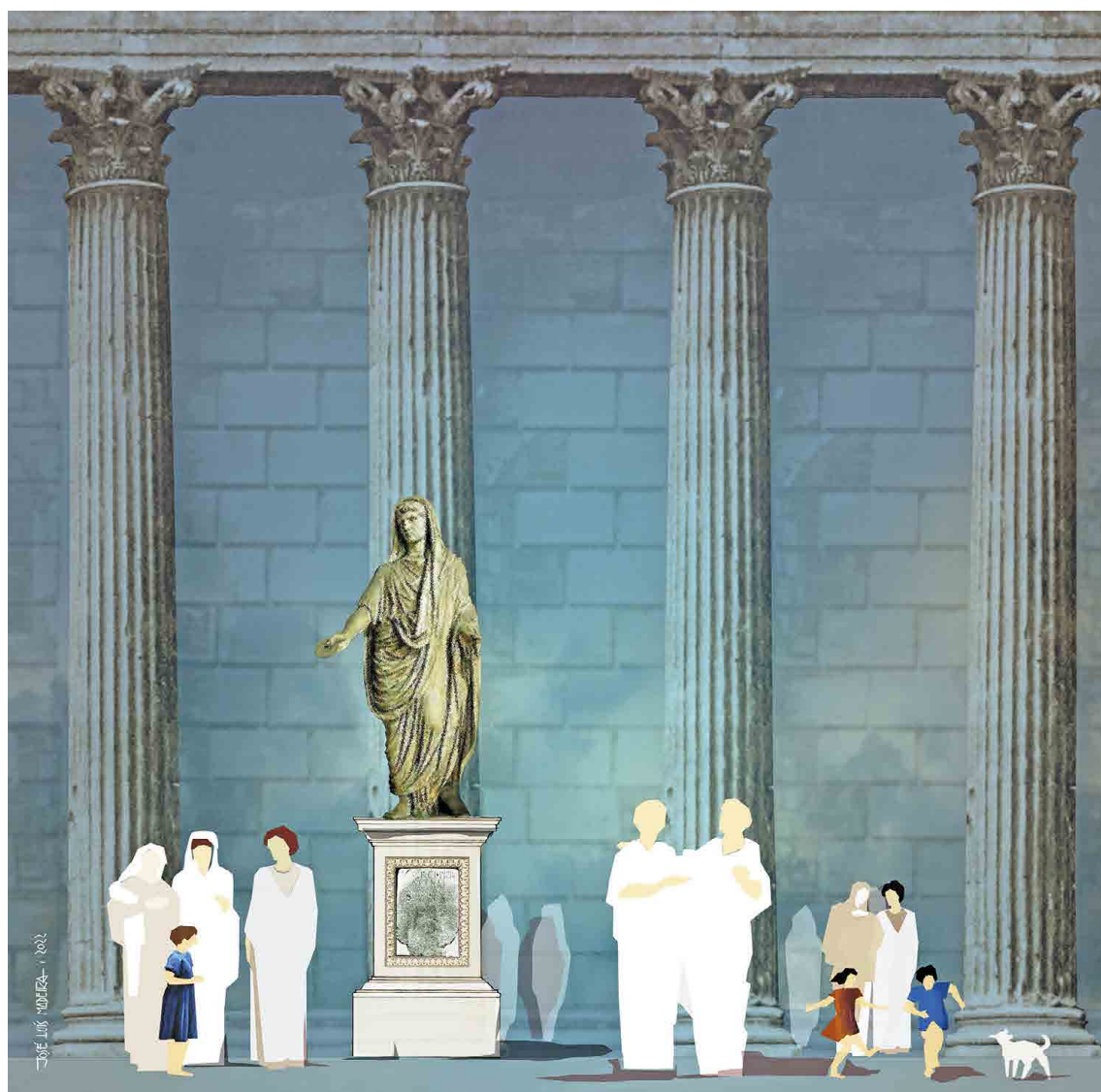
São, de resto, bem conhecidos «o grande esforço e dedicação de José Umbelino Palma», como se lê na página do Museu Rainha D. Leonor, o qual «não só reuniu grande parte do espólio do Museu como o organizou, divulgou e, ao mesmo tempo, incentivou e sensibilizou inúmeros bejenses e pessoas da região a doarem peças importantes para o museu, no sentido de enriquecerem as diversas colecções e contribuírem para a salvaguarda do património cultural, artístico e arqueológico da região que, na posse de particulares, corria o risco de desaparecer». A «verdadeira alma» da instituição, inclusive por se ter servido para esse efeito do jornal que dirigia.

No caso deste achado não hesitou em enviar para Lisboa informação tão significativa, que, de pronto, José Leite de Vasconcelos deu a conhecer na revista a cuja publicação então pusera mãos: «O Arqueólogo Português n.º 1, 1895, p. 110. Este investigador, porém, ficou entusiasmado:

«Ultimamente tem-se manifestado em Portugal um movimento de certa importância nas ciências arqueológicas. De todas as províncias do país chegam a Lisboa notícias de descobrimentos novos».

E concluía no seu comentário:

«Se este movimento continuar



com a mesma actividade, grande luz deve resultar para o conhecimento da nossa história antiga».

Depois de enaltecer o «lugar importante» que o Museu Municipal de Beja ocupava já «neste renascimento científico», nomeadamente através do «incansável» Umbelino Palma, não hesitou em afirmar que a inscrição publicada «é realmente muito valiosa».

«MUITO VALIOSA» PORQUÊ? Vejamos, pois, o que, em Latim, nesse bloco foi gravado:

«Ao pacense Lúcio Márcio Píero, augustal da colónia pacense e do município eborense – os amigos, devido aos seus méritos, erigiram, por subscrição pública.

Lúcio Márcio Píero, satisfeito com a honra, pagou a despesa».

Houve um período, aí pelo século XVII, em que se discutiu entre os investigadores se a colónia romana de Pax Iulia se teria localizado em Beja ou em Badajoz. Ou melhor, uma leitura apressada do que escreveram os intervenientes nesse debate é que levou a pensar-se que era esse, o da localização, o problema em disputa. Não era, creio eu; o que Badajoz reivindicava para si era ter sido, no tempo dos Romanos, a capital dum «conventus», a circunscrição político-administrativa importante em que se dividiam as províncias; que na génese da cidade de Beja estava Pax Iulia não se terá discutido. Contudo, no comentário a este monumento, Leite de Vasconcelos volta ao assunto

e reclama:

«Se outros documentos não houvesse de que Pax Iulia estava situada no actual local de Beja, e não no de Badajoz, esta inscrição, só por si, tirava a tal respeito todas as dúvidas, pois prova isso de modo evidente» (ibidem, p. 112).

E a prova residia em o homenageado aí ser identificado como pacense, palavra, aliás, que aparece grafada em lugar de relevo, isolada, no monumento.

Três aspectos merecem, desde logo, particular reflexão:

Prende-se o primeiro com o facto de Píero ter sido nomeado augustal tanto na colónia pacense como no município de Évora. Desconhecemos se o terá sido simultaneamente (é provável que não) e se esse exercício duplo seria, então, frequente no caso de cidades próximas. Em todo o caso, manifesta-se aqui uma relação estreita – ainda que através de uma personalidade – entre os dois aglomerados urbanos.

Uma personalidade que se moveria em meio de libertos (isto é, de

antigos escravos), o estrato populacional estreitamente ligado aos negócios, a que os seus senhores não poderiam aceder. E podemos afirmá-lo por ser nesse meio que se recrutavam os membros do colégio de seis membros (séxviros) encarregados de zelar pelo culto ao imperador; e, por outro lado, porque, ao identificarmos-no, omite-se a filiação e o seu último nome – Píero – é de origem grega, um nome de bem elucidativo teor cultural, quer porque a mitologia grega atribui a Píero a paternidade de nove filhas, para as contrapor às nove musas, quer porque foi esse o nome dado a um monte da Tessália, na Grécia antiga, dedicado às Musas.

O SIGNIFICADO POLÍTICO-SOCIAL No exercício das suas funções sacerdotais, Píero foi elo de ligação entre os interesses da população de «Pax Iulia» e o poder central, por na cidade ser responsável pela manutenção do culto (leia-se, «obediência») ao imperador romano.

Todos estamos bem conscientes do significado dum homenagem, quando é prestada a uma individualidade que detém poder económico e político. Sob o manto diáfano da Amizade se esconde, amiúde, o clientelismo. Ainda hoje, quando falamos dos «Amigos» disto ou daquilo, privamos com um conceito de Amizade que não vem, necessariamente, do... coração!

Ora veja-se: os «amigos» de Píero promoveram uma colecta para arcar com as despesas de lhe erguerem uma estátua. Ele soube disso, é claro. Aliás, se fôssemos mal-intencionados, até nos perguntaríamos se não foi mesmo ele que, sub-repticiamente, sugeriu quanto isso a todos acabaria de ser de muito interesse... (Recordo aquele amigo meu que, um dia, me escreveu para eu sugerir ao Presidente da República que lhe desse uma comenda...).

Píero, então, não esteve com mais medidas: quer tivesse sido combinado, ou não, o certo é que foi ele quem pagou as despesas. E seguramente, no dia solene do descerramento da estátua, generosamente recompensou os «amigos» com o dinheiro que haviam entregado. Atitude assaz inteligente: benemérito, teve uma estátua; duplamente benemérito porque... a pagou!

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia